

Breton, Rimbaud e Baudelaire

Em um dos seus últimos livros, *Position politique du surréalisme*, André Breton afirma que a burguesia pretende reivindicar Baudelaire e Rimbaud como poetas católicos, quando na verdade eles foram uns revoltados, uns não-conformistas etc.

Não é preciso mais nenhuma prova para mostrar o quanto a paixão partidária obscurece a inteligência dos homens mais lúcidos. Antes de tudo, devo acentuar que duvido muito que à burguesia interesse que Rimbaud e Baudelaire sejam considerados poetas católicos – ou mesmo poetas simplesmente. A burguesia, de um modo geral, não se interessa pela glória espiritual do catolicismo – adere quase sempre à Igreja porque vê nela a defensora da propriedade individual. Nem mesmo a ordem superior que a Igreja prega – e que Baudelaire exaltou em mais de um poema – a burguesia compreende; confunde-a com a ordem policial. Em suma a burguesia é materialista e cética, pouco se incomodando com a religião autêntica e com a poesia.

Quanto ao caso de Rimbaud, admito reservas e dúvidas. Apesar do testemunho de Isabelle Riviere, sua irmã,

segundo o qual o vidente de *Les illuminations* teria se confessado e comungado na hora da morte – e que necessidade teria essa criatura de mentir em tão grave assunto –, os céticos têm direito de duvidar, achando que na semi-inconsciência da agonia tudo é possível... Mas o fato é que a obra de Rimbaud está toda impregnada de um profundo sentimento cristão. *Une saison en enfer*, a começar pelo título! Sempre que o releio, lembro-me daquela fantástica Marie des Vallés – junto da qual Rimbaud é pinto¹ – essa Marie des Vellés que Breton certamente desconhece – e que passou, não uma temporada, mas *trinta e três anos* no inferno... Nesse livro sombriamente, desesperadamente cristão que é *Une saison en enfer*, não desse cristianismo adocicado de Coppée ou Jammes, mas do cristianismo catastrófico de certos místicos da Idade Média. Que força religiosa, que intuição do martírio e do sacrifício! Queria morrer como *Jeanne D'Arc*, perdoadando! Vê levantar-se sobre o mar “la croix consolatrice”. Declara que “la débauche est bête, le vice est bête”, e que só o amor divino confere as chaves da ciência. “Dieu fait ma force et je loue Dieu”. Quando diz que “l’existence est ailleurs” e que “nous ne sommes pas au monde”, copia, talvez inconscientemente, as palavras de Cristo – que Breton naturalmente desconhece... “J’ai reçu au cœur le coup de la grace!” E as palavras famosas – “changer la vie” – são as que São Paulo aplica ao cristão que deve deixar o homem velho – o homem formalista, o fariseu, que Rimbaud justamente detestava – para se revestir do homem novo, que enxergava todas as coisas à luz de Cristo, e assim transformar a sua vida e a do seu próximo. É a confissão definitiva, que só um espírito católico poderia fazer, a de que a solução de seu problema estava na *caridade*: “La charité et cette clef”, diz textualmente. Não a pretensiosa e artificial caridade de filantrópica – burguesa burocratizada, mas a caridade que é

seu problema estava na *caridade*: “La charité et cette clef”, diz textualmente. Não a pretensiosa e artificial caridade filantrópica – burguesa burocratizada, mas a caridade que é a própria essência divina pela qual o homem participa da Divindade – o amor universal que impulsiona o homem a se despojar do seu egoísmo e a transfundir-se nos outros... Não preciso de me referir em detalhes a diversas partes das *Poésies* como “Les pauvres à l’église”, “Les sœurs de charité” ou “Les premières communions”, ou àquele magnífico poema “Génie” de *Les illuminations* que se refere evidentemente ao Cristo. Porque um livro como *Une saison en enfer* – que determinou a conversão de Claudel (é verdade que Breton considerava-o um imbecil...) é suficiente para datar com vigor o espírito cristão de um poeta.

Quanto a Baudelaire, nosso caro Breton torceu de tal maneira a realidade e a evidência que quase nem valeria a pena comentar. Baudelaire é um poeta informado do catolicismo até a medula. Admito que não fosse pontual ao culto, mesmo porque viveu numa época agitadíssima e de grande decadência religiosa. O espetáculo do clero de mãos dadas com governos violentos e reacionários deveria esfriar bastante um espírito sincero e independente. Mas um homem que cultivava em alto grau idéias profundamente católicas, que tinha um conceito gravíssimo de pecado, de julgamento e de inferno como o iluminado de *Les fleurs du mal*, desautoriza pela sua obra a opinião de Breton. Baudelaire é um dos raríssimos homens que, a propósito da crítica de pintura e música, falam do *pecado original*. E não uma vez, mas muitas (vide *L’art romantique* e *Curiosités esthétiques*). No seu livro *Mon cœur mis à nu* – livro que transpira catolicismo em todas as páginas – declara que “a verdadeira civilização não consiste no gás, nem na máquina a vapor, nem nas mesas

A questão se resume nisto. Breton desconhece inteiramente o catolicismo. Ele julga que essa doutrina só pode abrigar os bem-pensantes, os carolas, os conformados com a mediocridade e os fanáticos da ordem policial. Engano puro. Pretendo mesmo que o catolicismo seja mais revolucionário e explosivo que o próprio marxismo. Enquanto o marxismo espera a destruição de uma classe – a capitalista – e a instalação de um confortável paraíso na terra – o otimismo de adolescente!... – o catolicismo espera a destruição do universo inteiro. Não ficará pedra sobre pedra...

Gostaria de mostrar a André Breton o relatório apresentado em abril de 1936, ao Congresso da Federação das Estudantes Católicas da França, pela secretária Renée Dupuy, no qual se transcrevem, entre outros, os seguintes conselhos de Henri Davenson no seu livro *Fondements d'une culture chrétienne* – “Procurai a aventura, procurai em toda a parte vosso bem, e tomai-o audaciosamente. Para os puros tudo é puro: tudo que em vós pode refletir a luz eterna é digno de entrar em vossa cultura... No momento não deveis viver muito com vossos correligionários: não somos bastante numerosos, nem infelizmente – bastante puros. Amai os poetas malditos, os blasfemadores, os revoltados. É neles muitas vezes que encontrareis em toda a sua pureza a tensão desesperada da alma para a verdade”. Esse relatório de moças estudantes recebeu a aprovação da Igreja.

Gostaria de ver a cara que havia de me fazer Breton se eu algum dia o encontrasse. Porque eu não poderia deixar de lhe explicar que ele é católico sem saber. No mesmíssimo livro *Position politique du surréalisme* ele afirma que o artista deve buscar suas inspirações no tesouro coletivo, na alma popular devido à solidariedade que liga os homens entre si.

Ao escrever isto, transcreveu um dos princípios básicos do grande dogma da Comunhão dos Santos...

Rio, 23/ago/1937.



Notas

¹ Murilo retira essa frase na remissão do texto com o título “Interpretações” (Letras Brasileiras. Out/1944 n.18. Rio de Janeiro. p. 10-2). (Nota do compilador.)